
**DO REGIONAL AO LOCAL: TRAJETÓRIAS
SOCIOESPACIAS DAS ACADÊMICAS DO CURSO DE
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS –
CAMPUS DE ARAGUAÍNA**

***FROM THE REGIONAL TO THE LOCAL: SOCIOESPACIAL
TRAJECTORIES OF THE ACADEMICS OF THE GEOGRAPHY
COURSE OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF TOCANTINS -
CAMPUS DE ARAGUAÍNA***

Kênia Gonçalves Costa¹
Elaine da Silva Sousa²

RESUMO

Identificam-se as trajetórias das acadêmicas em Geografia do Campus de Araguaína/UFT (2014 a 2017), que se deslocam diariamente e/ou residem na cidade durante o período letivo. Atual sociedade é patriarcal, no entanto, defrontamos com essas mulheres no meio acadêmico e notamos algumas mudanças. Nas idas e vindas, muito se traz e muito se leva, oportunizando conhecimentos, por meio de relações no espaço e em suas trajetórias, configurando uma nova realidade, estabelecendo laços, identificando suas principais dificuldades e suas inúmeras visões da sociedade que são a todo tempo (des)reconstruídas por meio da afetividade e das mudanças ocorridas em suas vidas durante o tempo em que passam na universidade e no contexto social no qual estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória Socioespacial; Acadêmicas; Geografia; Araguaína; UFT.

ABSTRACT

The trajectories of the academics in Geography of the Campus of Araguaína / UFT (2014 to 2017) are identified, who move daily and / or reside in the city during the school term. Current society is patriarchal, however, we face these women in academia and notice some changes. In the comings and goings, much is brought and much is taken, providing knowledge, through relationships in space and in its trajectories, configuring a new reality, establishing ties, identifying its main difficulties and its innumerable visions of society that are at all times (dis) reconstructed through affectivity and the changes that occurred in their lives during the time they spend in the university and in the social context in which they are inserted.

¹ Dr^a. Docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) - UFT-Araguaína. keniacost@uft.edu.br

² Licenciada em Geografia e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) - UFT-Araguaína. elainesousa94@uft.edu.br

KEYWORDS: Socio-spatial Trajectory; Academics; Geography; Araguaína; UFT.

INTRODUÇÃO

A realidade, quando questionada revela diversas faces de um passado deixado de lado quando falamos sobre o verdadeiro papel que as mulheres têm na construção do mundo social, e de como sua participação é de grande importância para a manutenção desta. Diante dos olhos de quem deseja enxergar e compreender o presente, o passado se coloca como ponto inicial de uma história repleta de sabedoria que nos leva ao anseio por um novo futuro. Diante disso, o caminho a ser trilhado se faz por meio do conhecimento como forma de libertação do sistema opressor patriarcal, onde as unidades de ensino são as figuras que podem mudar toda uma realidade.

Diante disso, a cidade de Araguaína se encontra localizada em uma região que possibilita um amplo fluxo de circulação rodoviária, permitindo um incremento em diversas modalidades (GASPAR, 2013), onde a Universidade Federal do Tocantins que se constituiu em 2003 se torna de grande importância para o desenvolvimento local alcançando um público em maior número (GASPAR, 2013), neste contexto referenciando ações/atividades regionais.

O ambiente acadêmico surge como um novo caminho uma vez que “[...] a Universidade é entendida como a depositária dos mais elevados saberes que cada geração alcança e, ao mesmo tempo, é palco de confrontação entre tendências para conservar o que já se conhece e um impulso transformador [...]” (GASPAR, 2013, p. 45), assim, é vista como possível meio de mudança de determinada localidade a partir do conhecimento que é oferecido para aqueles que nela se profissionalizam.

LUGAR, TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL E IDENTIDADE.

A Geografia por meio da fenomenologia busca dos mais diversos meios de entender e compreender as relações observadas através do tempo, que possam sanar os mais amplos questionamentos acerca da ligação do homem com o espaço. São relações que durante muito tempo deixaram geógrafos intrigados com as mais diversas formas de se constituir a formação o espaço geográfico.

Contudo, “[...] ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos.” (TUAN, 2013, p. 224 grifo do autor). São momentos, no ambiente acadêmico, vividos pelo vir e pelo ir de cada mulher, momentos de alegria e/ou tristeza,

que hora às impulsionam, mas também às desanimam. Cada uma tem em seu cotidiano um mundo particular, uma história que às levam por diversos caminhos em um mesmo ambiente.

As acadêmicas desenvolvem diferentes estágios de relações afetivas pelo meio acadêmico. Algumas percorrem todos os dias o mesmo trajeto, observam sempre as mesmas paisagens, o mesmo pôr do sol, se deslocam de cidades circunvizinhas, já outras fica a semana toda em Araguaína - TO e nos finais de semana, os tão sonhados, viajam de encontro com seus familiares e lugares. No entanto, tanto àquelas que veem todos os dias como as que ficam toda uma semana ou meses, adquirem laços com o novo local transformando espaços em lugares.

Construídas sob as mais diferentes realidades, com intenções nem sempre compreendidas por aqueles que procuram analisar, as relações espaciais a partir do lugar se fazem e refazem diariamente. Algumas levam anos para permanecerem significativas para cada sujeito, outras duram apenas segundos e se fazem inesquecíveis.

Diante disso, o lugar é construído de acordo com as trajetórias de cada sujeito no meio social, onde a todo instante as trajetórias revelam novas características de cada grupo social. As pessoas buscam através de seus deslocamentos produzirem e/ou adquirirem um novo conhecimento que vá de encontro com aquilo que seja almejado por todas desde muito tempo.

Neste contexto, é preciso identificar e espacializar as trajetórias socioespaciais, pois “[...] o espaço, da mesma forma que a sociedade, influencia as trajetórias [...]” (CIRQUEIRA, 2010, p. 43). Ao referenciar essa relação espacial, Milton Santos (1979, p.18) nos aponta que o espaço:

[...] é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado sócio-econômico, mas também tributário dos imperativos espaciais.

Para Cirqueira (2010, p. 43), a trajetória socioespacial:

[...] envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão no nada e, muitas vezes os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências simbólicas e materiais para o indivíduo.

As lembranças e os contextos sociais imprimem na memória fatos cotidianos passados e presentes e possibilita armazenar informações a partir dos fatos vividos que ocorrem no espaço geográfico, há sempre vestígios das pessoas, comunidades e relações humanas por meio das trajetórias socioespaciais interseccionadas com raça e gênero (RATTS, 2018).

Assim, as relações se dão no espaço a partir das vivências que cada mulher traz consigo do seu cotidiano e, nesse novo espaço vão construindo novos valores com significados diferentes, cada uma com suas características únicas, ao mesmo tempo que amplas. Cada experiência adquirida por todo um grupo, é assimilada de forma diferente por cada sujeito perceptivo. Uma nova cultura é desenvolvida afetando de forma direta o comportamento de determinado grupo (TUAN, 2013).

Esse conhecimento é carregado de significados que levam para um novo horizonte onde, segundo Merleau-Ponty (2006, p. 86) “[...] a experiência, a cada instante, pode ser coordenada à do instante precedente e à do instante seguinte [...]”. É essa nova experiência que mudam as perspectivas de vida de cada mulher, fazendo com que cada dia mais, elas saibam de seus valores e dos lugares que podem e devem ocupar.

No entanto, as trajetórias são carregadas de características que são perdidas, de novos valores que são adquiridos trazendo sentimentos de afeição por outros contextos, criando um espaço amplo de significações. Contudo, são construções contínuas em que o lugar que um dia fora vivenciado serve como impulso para alcançar um novo horizonte, sabendo de onde se veio e para onde se vai como um processo de crescimento que não se dissocia do conhecimento. Onde o passado tem seu valor, mas o presente tende a anular tudo que fora adquirido e agora permeia por novas perspectivas.

Nos últimos anos, tivemos uma crescente preocupação no que tange a formação da identidade que envolve diversas esferas sociais, implicando grandes debates e inúmeras reflexões sobre como a identificação se forma e traz características singulares a cada indivíduo, colocando-o em constante transformação a partir das influências, diretas e indiretas, que ditam os cursos da sociedade.

Existem diversas conceituações que tenta nos esclarecer como ocorrem as transformações, questionando tanto os fatores positivos quanto os negativos na formação identitária de cada sujeito social. A sociedade se faz de um espaço em que transformações ocorrem o tempo todo, assim também ocorre com as identidades. Afinal, todos tem uma identidade e todos precisam de uma identidade.

A identidade se faz presente na vida de cada sujeito por características adquiridas no seio do grupo social ao qual pertence, ou seja, origens comuns, como também por meio daquelas que são adquiridas em um processo em constante transformação (HALL, 2000). A sociedade sempre inova, coloca diariamente significações em novos contextos como também tantos outros perdem seus valores diante dos novos. E assim, a identificação dos sujeitos atingem de um certo modo, ambivalência. Como nos afirma Stuart Hall (2000, p. 108) que: “[...] de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história”.

Assim, como mencionado, as identidades nunca são uniformizadas, uma vez que estão dispostas em uma realidade cada vez mais moderna e fragmentada que se fazem e refazem ao longo das práticas e dos discursos que se cruzam (HALL, 2000). Neste direcionamento:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2000, p. 108).

Portanto, precisamos compreender que as identidades são construídas por meio das diversidades discursivas que exercem influências nas configurações sociais por meio de estratégias relacionadas ao poder. Stuart Hall (2000, p. 110) nos afirma que “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela [...]”.

Portanto, não podemos deixar de elucidar que o poder tem influências incontestáveis na forma como se dão as diversidades identitárias na organização do espaço, uma vez que os detentores deste poder, preenchem os espaços de acordo com seus diversos interesses sem levar em consideração os sujeitos quem compõem esta formação espacial e a todo momento, significações são excluídas e tantas outras incluídas no cotidiano social. Ou seja, “[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir” (HALL, 2000, p. 112).

As mulheres contribuíram e contribuem de forma extremamente significativa para a produção e construção do conhecimento em todas as esferas, nos mais múltiplos lugares, sendo estas visibilizadas ou não. Contudo, se faz necessário compreender suas lutas e entender como se deu o processo do qual se faz refém, procurando elucidar os desafios existentes entre as experiências masculinas e femininas

interligadas ao passado, como ponto de partida para entender a história do passado e as práticas atuais (SCOTT, 1989).

Diante de todas essas incompreensões, as mulheres encontraram no feminismo um meio de questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres que lhes são impostas. Dentro do feminismo, o termo “gênero” é usado como questionador para relatar o caráter inadequado das teorias atuais que explica as desigualdades existentes (SCOTT, 1989). Como também afirma Santana e Benevento (2013, p. 1) que “[...] definindo gênero, podemos dizer que se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais [...]”.

Contudo, são resultados de anos e anos em que as mulheres são colocadas de forma inferior no meio em que vivem e a luta por igualdade surge como uma possível integração, de fato, ao meio social como construtora em termos iguais, entre homens e mulheres, da sociedade.

Assim, as construções sociais revelam em suas entrelinhas como se dão as relações entre homens e mulheres, permeadas pelas desigualdades evidenciando, em vários aspectos, um mundo aquém de visibilidade. Destarte Moreira (2002 *apud* SANTANA; BENEVENTO, 2013, p. 1):

Considera que ambos os sexos são capazes de qualquer função, sendo possível discorrer que não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e normas distintas. O ser humano nasce sexualmente neutro em atribuições e o meio social em que vive determina os papéis masculinos e femininos, instituindo assim o gênero, isto é, hierarquias socialmente constituídas.

No entanto, a mulher é colocada como posição inferior em relação ao homem, considerando que este último, na maioria das vezes, se faz detentor do poder.

A partir das construções sociais históricas, quando analisadas, coloca em evidência uma realidade que fora construída por anos de imposições, fazendo assim, mulheres alienadas ao sistema vigente, estando em concordância com o que lhe é atribuído. Desigualdades gritantes que afligem o mundo contemporâneo daqueles que preferem não mais taparem seus olhos.

Uma sociedade excludente coloca a mulher como excluída de acordo com seus interesses. Ora ela é vista, ora nunca existira. Uma construção que permeia pelo tanto faz ao passo que o feminino existe quando suprem interesses em detrimento de uma hierarquização. Assim, de acordo com Santana e Benevento (2013, p. 1):

A divisão de gênero inscrita na ordem dos espaços, bem como a oposição entre o meio doméstico e o público, constitui a concordância espontânea entre estruturas sociais e cognitivas, percebidas nas diferenças dos corpos, confere-se, assim, a base experimental da dominância inscrita na natureza das *coisas invisíveis e não questionadas* [grifo nosso].

Por fim, “[...] o conceito de gênero procura abarcar questões históricas e contemporâneas no que se refere às relações desiguais entre homens e mulheres [...]” (SANTANA; BENEVENTO, 2013, p. 1). No entanto, segundo Joseli Silva (2007, p. 119): “[...] mesmo com algumas conquistas, a abordagem de gênero na geografia brasileira é limitada, quando comparada ao expressivo avanço obtido nos países anglo-saxões, principalmente a partir dos anos 90”.

Portanto, se faz indispensável compreender por meio da geografia como esta organização espacial se faz presente em nosso território nacional, bem como suas influências determinam as mais diversas formas de desigualdade, dando ênfase ao verdadeiro papel dotado de representatividades que as mulheres têm alcançado ao decorrer dos anos, buscando elucidar os devidos valores estabelecendo relações de respeito e igualdade entre o masculino e o feminino, promovendo novas leituras dos espaços produzidos entre o meio e a sociedade. As mulheres desta pesquisa almejam suas conquistas através da educação, conquistando a conclusão do ensino superior com os desafios impostos por essas trajetórias.

ENTRE ROTAS: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

Cada ser humano trás no seu coração um sonho, um desejo a ser realizado. As mulheres trazem o sonho de uma mudança que tornem os seus dias em espaços temporais com melhores lugares, que o presente seja valorizado de acordo com a importância que o passado tem, sendo carregado de conquistas reconhecidas por aquelas que lutam por um mundo melhor.

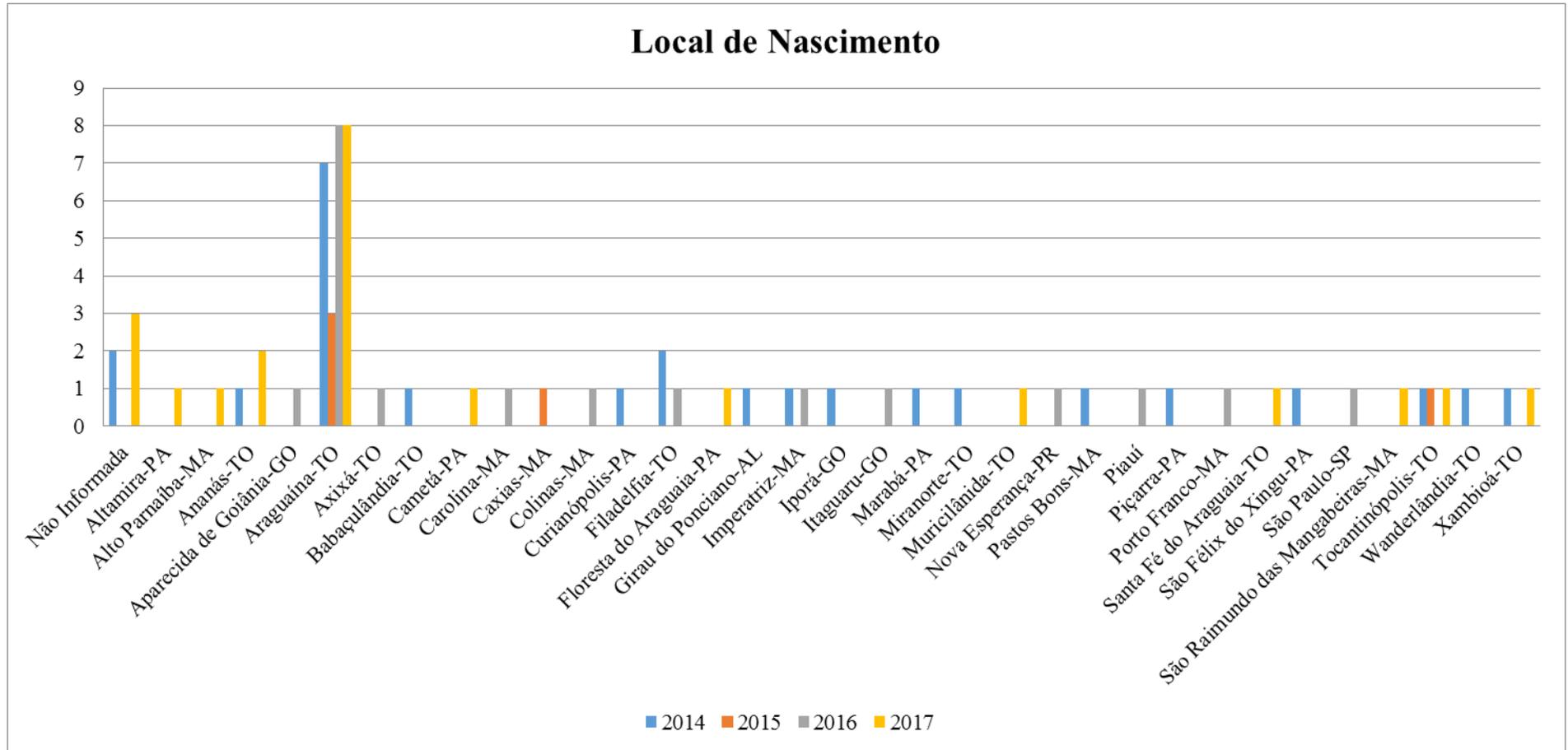
Diariamente, lutas acontecem no intuito de que a mulher seja aceita nos mais diversos ambientes de acordo com suas características, evidenciando que estas às fazem cada vez mais diversificadas podendo abarcar os múltiplos espaços do nosso cotidiano. Para tanto, o conhecimento se torna um meio insubstituível para alcançar estes novos espaços.

Todas as mulheres têm em suas bagagens, trajetórias que as tornam mais fortes e determinadas diante das dificuldades que lhes são impostas. Perante as dificuldades enfrentadas em seus espaços muitas veem a necessidade de desbravar

novas localidades, que em alguns casos, sentimentos topofóbicos são desenvolvidos em detrimento de determinados acontecimentos. Sendo assim, as mudanças ocorridas na vida social de cada mulher trazem expectativas de uma nova realidade entrelaçada com novas conquistas.

No gráfico 01, comprovamos os mais diversos locais de nascimento das acadêmicas do curso de Licenciatura em Geografia, tendo este como o ponto de partida da trajetória socioespacial de cada mulher presente no campus de Araguaína, no curso citado, durante o recorte temporal de 2014 a 2017.

Gráfico 01- Local de nascimento das acadêmicas de Geografia referente aos anos de 2014 a 2017



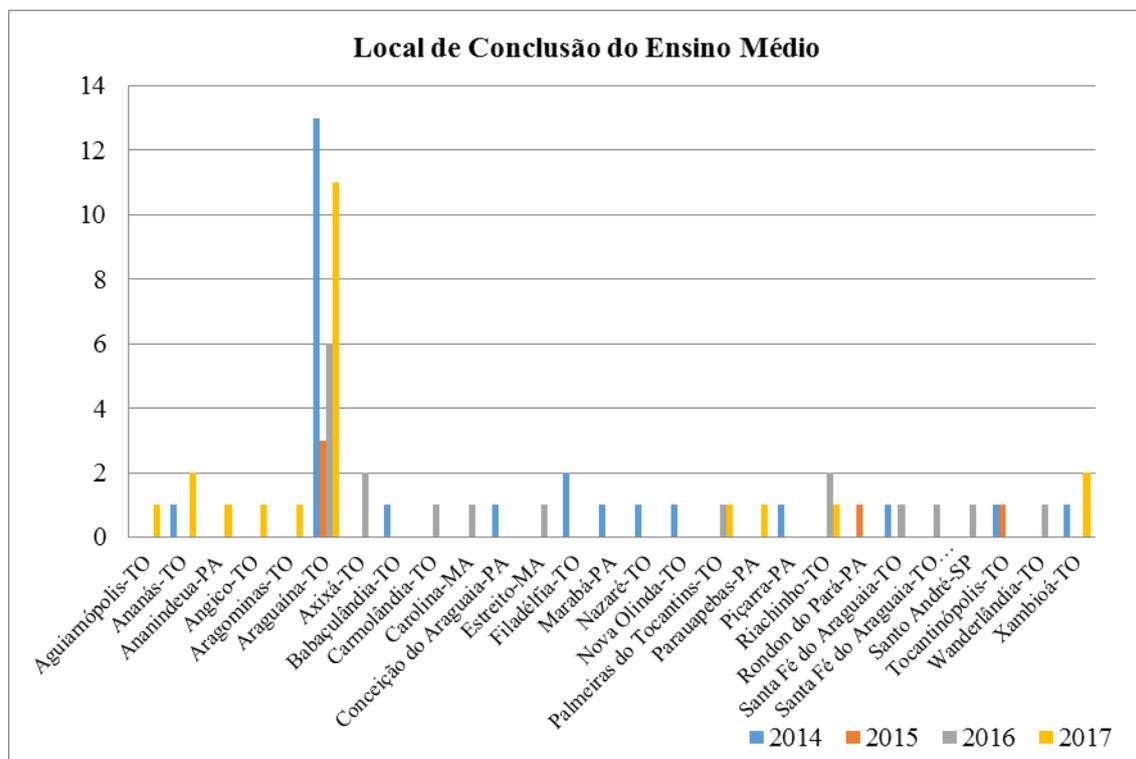
Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionários). Elaboração: SOUSA, 2018.

Diante do exposto, notamos que as acadêmicas são oriundas dos mais diversos locais abrangendo as regiões norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. Logo, compreendem todo o território nacional. A ampla dimensão territorial do Brasil permite que se tenham várias trajetórias, sendo em grandes e/ou em pequenos percursos, que possibilitam compreender, quando observadas em suas entrelinhas, as características de cada localidade.

Em decorrência das inúmeras necessidades que surgem diante do cotidiano de cada mulher, muitas são induzidas a deixarem seus locais de origem em busca de novas oportunidades, na incerteza de um futuro melhor com a esperança de progressos. Sendo assim, no gráfico 02 percebemos que houve mudanças na configuração espacial territorial relacionando o local de nascimentos das acadêmicas com o local de término do ensino médio.

Nota-se, diante do gráfico que o local de término do ensino médio se encontra presente, na maioria, no estado do Tocantins, seguido do Pará, Maranhão e São Paulo, concentrando-se principalmente na região norte, como também no nordeste e sudeste. Diante das exposições, compreendemos que ao longo de suas vidas, as mulheres têm ocupado as mais diferentes localidades no espaço brasileiro.

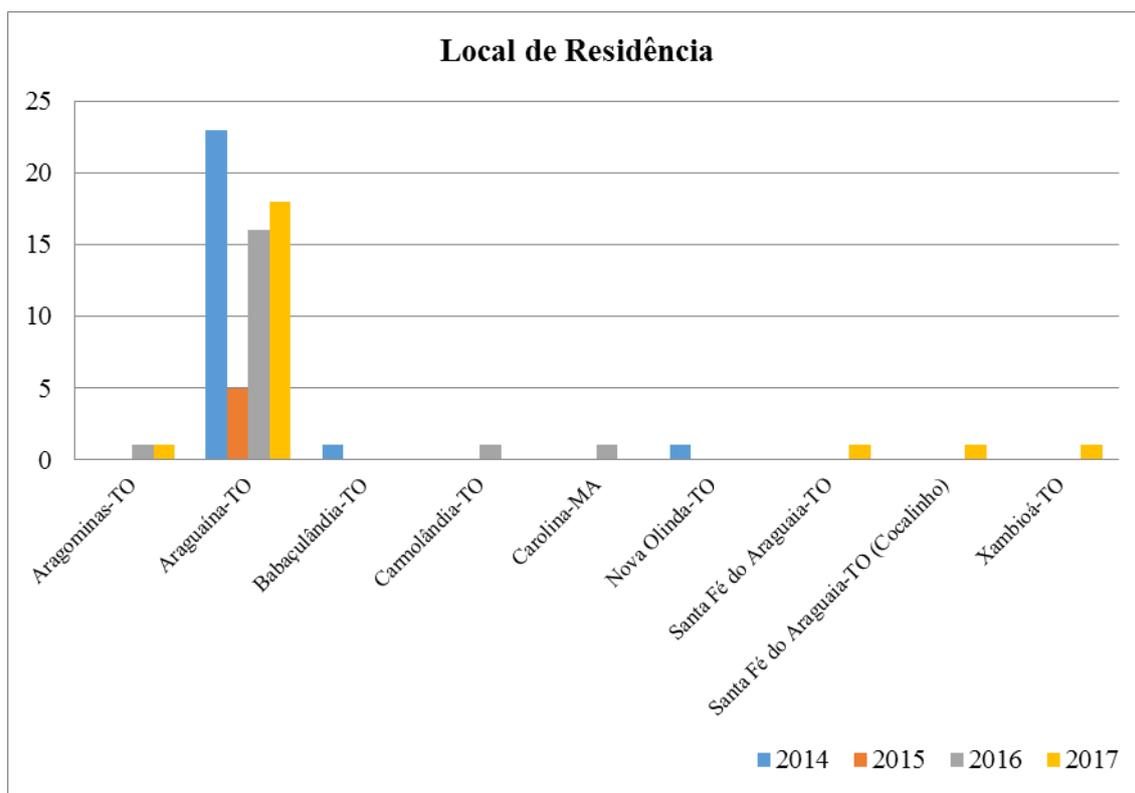
Gráfico 02- Local de término do ensino médio das acadêmicas de Geografia.



Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionários). Elaboração: SOUSA, 2018.

O gráfico 03 demonstra o local de residência das acadêmicas de Geografia. Neste percebemos que um número considerável das acadêmicas reside na cidade de Araguaína. No ano de 2014, temos estudantes que se deslocam diariamente de suas cidades para estarem no ambiente universitário, sendo Babaçulândia e Nova Olinda, compreendendo que estas são circunvizinhas de Araguaína. São trajetos que delineiam toda uma vida acadêmica.

Gráfico 03- Local de residência das acadêmicas de Geografia



Fonte: Produzido a partir de dados primários (questionários). Elaboração: SOUSA, 2018.

Contudo, nota-se que no ano de 2015 as acadêmicas são todas residentes da cidade de Araguaína. No entanto, em 2016, grande parte delas residem em Araguaína, mas temos oriundas das cidades de Aragominas e Carmolândia, ambas no estado do Tocantins e Carolina, no estado do Maranhão, ultrapassando fronteiras estaduais. Em 2017, contamos com acadêmicas residentes em Araguaína como também de Aragominas, Santa Fé do Araguaia, na área urbana, no território quilombola do Cocalinho e da Terra Indígena Karajá-Xambioá, ambas no estado do Tocantins.

Os deslocamentos realizados, como descritos na tabela 01, apresentam as distâncias que evidenciam percursos longos, que trazem e que levam características

comuns de mulheres que traçam as mesmas trajetórias em busca de maior grau de instrução (conhecimento). Trajetórias estas que tem em suas distâncias um percurso duplo em detrimento da saída e do retorno.

Tabela 01- Distância entre as cidades residentes e a cidade de Araguaína

Local de Residência	Entre Rotas (Km)
Aragominas-TO	44
Babaçulândia-TO	62
Carmolândia-TO	36
Carolina-MA	110
Nova Olinda-TO	59
Santa Fé do Araguaia-TO	112
Xambioá-TO	140

Fonte: Google Maps, 2018. Elaboração: SOUSA, 2018.

Assim sendo, afirmamos que as rotas traçadas rumo ao conhecimento levam as mulheres a ultrapassarem as fronteiras de seus municípios como também estaduais. No entanto, as barreiras ultrapassadas estão muito além das fronteiras territoriais. Quando cada mulher inicia seu processo de aprendizagem no meio acadêmico, se deslocando todos os dias para estarem neste ambiente, estas rompem com as barreiras da dupla, tripla jornada, colocando no lugar do cansaço o desejo de terem um ensino superior que futuramente lhe abram novas portas.

O deslocamento produz movimentos que perpassam por várias instâncias, promovendo mudanças das mais variadas formas no contexto social de cada localidade. Quando cada mulher decide transitar todos os dias em busca de conhecimento, instantaneamente estas mudam suas percepções e daqueles que convivem com elas. É preciso que se obtenha uma nova forma de organização onde todos colaborem para a permanência eficiente de determinadas requisitos para a realização dos percursos diários de cada mulher.

Diante dos novos contextos, novas percepções são inseridas diariamente na vida de cada mulher. São levadas, diante da conjuntura acadêmica, a compreenderem novas realidades ao mesmo instante que se tornam parte desta nova mudança.

Assim sendo, para melhor compreensão das mudanças ocorridas no cotidiano das mulheres e em detrimento de melhor entender suas motivações e

dificuldades, foram realizadas entrevistas com algumas das mulheres que se deslocam diariamente para a cidade de Araguaína.

Sendo assim, de acordo com as entrevistadas o principal motivo para o ingresso na universidade, perpassam pelos caminhos de uma melhor educação que possa posteriormente, garantir-lhes estabilidade financeira, porém, os motivos ultrapassam essas nuances.

Na verdade, a gente que vem lá da comunidade sempre teve uma perspectiva de futuro, porém a gente não via como é que a gente ia ingressar na universidade, até que entrou essa questão de cotas e algumas pessoas de lá começaram a ingressar e a gente viu que daria para gente ter um futuro, para ser alguém. Ainda mais eu que tenho um filho, então eu pensei, eu tenho que ter um futuro para mim e para o meu filho porque lá é um lugar pequeno, lá a gente não tem oportunidade assim de crescer, não tem emprego, não tem nada que te faça crescer. Então a gente tem que se deslocar. É uma luta. Mas em base mesmo foi em questão de ter um futuro melhor, porque não tem como a gente ficar parada só num lugar, a gente tem sempre que procurar melhorias, ainda mais porque eu fui a primeira da minha família, assim em relação mãe e pai a ingressar na universidade. Então para mim, isso é uma conquista, porque eu espero que os meus irmãos ingressem, meu filho ingresse, então é correr atrás e dá o exemplo para que eles também tenham ânimo, porque não é fácil. Porque hoje em dia sem estudo a gente não é nada, nada, nada. Com ensino médio você é praticamente analfabeto, até com diploma superior você também está sujeito a não ter um bom emprego na sua área. (Entrevistada A)

Percebemos o quanto o conhecimento ultrapassa barreiras e faz com que as configurações antes estabelecidas se rompam com o intuito de se ter novas conquistas, como também nos afirma a próxima entrevistada.

Os principais motivos é porque eu queria ter uma educação superior porque é mais fácil a gente arrumar emprego, mais fácil para ajudar minha família, porque eu nasci e me criei na aldeia, lá a situação é muito difícil. Minha mãe e meu pai sempre lutaram muito para gente conseguir. Desde pequena a gente sempre sofreu para ter educação, porque lá além do ensino ser precário, tem a dificuldade para chegar até a escola, a gente ia a pé três quilômetros, quatro, cinco. E eu sempre pensei que quando eu tivesse um filho não queria que passasse pela mesma situação que eu. Eu entrei e quero sair com o TCC. (Entrevistada B)

Percebemos, portanto, que as dificuldades encontradas durante o percurso escolar levaram-nas a procurarem por novas possibilidades com o intuito de estabelecer novas realidades, demonstrando que poderiam alcançar diferentes futuros.

Assim, em princípio eu não pensava em estudar mais, terminei o ensino médio em 2006, fiquei praticamente seis anos fora de sala de aula, e daí eu fiz alguns cursos, fiz um curso de técnico administrativo. Aí comecei a namorar, casei, engravidei e aí é que não passava mais pela minha cabeça em estudar, principalmente por causa do meu filho e pela distância também. De repente, quando meu filho já estava com dois anos de idade, eu e meu marido decidimos fazer o vestibular da UFT, se passar a gente faz, se não passar a gente deixa de mão. A primeira vez eu não passei, aí meu marido passou, ele veio. Aí o que me incentivou a fazer de novo foi por causa que

ele passou e estava vindo e eu queria fazer também, não por ciúmes, mas porque me interessou mesmo fazer. (Entrevistada C)

Diante disso, percebemos que os motivos são diversos e complexos e que ambos assumem significações diferentes para cada acadêmica. Nas mais variadas realidades, a família sempre surge como ponto de partida e como porto seguro quando se inicia uma nova jornada como podemos observar adiante.

Minha família sempre me apoiou muito, até porque quando eu entrei na faculdade eu estava trabalhando e estava tendo muita dificuldade de relacionar trabalho com faculdade. Minha família sempre falou, se é para você desistir, pode desistir do serviço que a gente dá um jeito e continua estudando. Sempre me apoiou muito nessa questão. (Entrevistada E)

Contudo, percebemos que a família tem papel fundamental no ingresso e permanência destas mulheres no meio acadêmico, como também afirma a próxima entrevistada.

Não houve resistência familiar. Quando souberam que eu tinha passado, todos ficaram felizes, recebi apoio de todos da minha família. Foi só felicidade. Mas acho também que foi muita falta de interesse, porque quando a gente quer mesmo, a gente corre atrás. Eu terminei o ensino médio em 2005, entrei na faculdade em 2014, olha só o tempo que eu perdi, e também eu tive filho em 2005, engravidei no final de 2005 e foi a desculpa para não estudar também. (Entrevistada F)

No entanto, compreendemos que as questões familiares interferem na vida acadêmica destas mulheres.

Depois que a gente é casada e tem filho pequeno, aí é tão longe, aí a gente começa a colocar um monte de obstáculo, o que eu vou fazer, será se vou ter dinheiro e meu filho vai ficar com quem, aquela coisa toda e eu também trabalhava e trabalho até hoje, trabalho fora, sou vendedora de uma loja de confecções e aí tive que conversar com minha patroa sobre e questão de horário pra ela permitir eu estudar porque teria que sair mais cedo e se ela não permitisse eu ia sair também, não ia perder essa oportunidade. (Entrevistada C)

Por conseguinte, as várias jornadas que as mulheres são submetidas, tanto no âmbito privado quanto público, interferem em suas relações com a universidade. Diante do exposto pela entrevistada “F” e “C” identificamos que seus afazeres dificultam seu acesso ao conhecimento. Notamos que às vezes, as interlocutoras procuram por motivos para justificarem o não ingresso ou a demora para adentrar no meio acadêmico. No entanto, é preciso compreender as condições em que cada uma vivência.

Os trajetos são dificuldades apresentadas por todas as entrevistadas. São horas de suas vidas que passam dentro de seus meios de transporte, sendo que estes tendem a agravar ainda mais o dia cansativo que cada uma tivera.

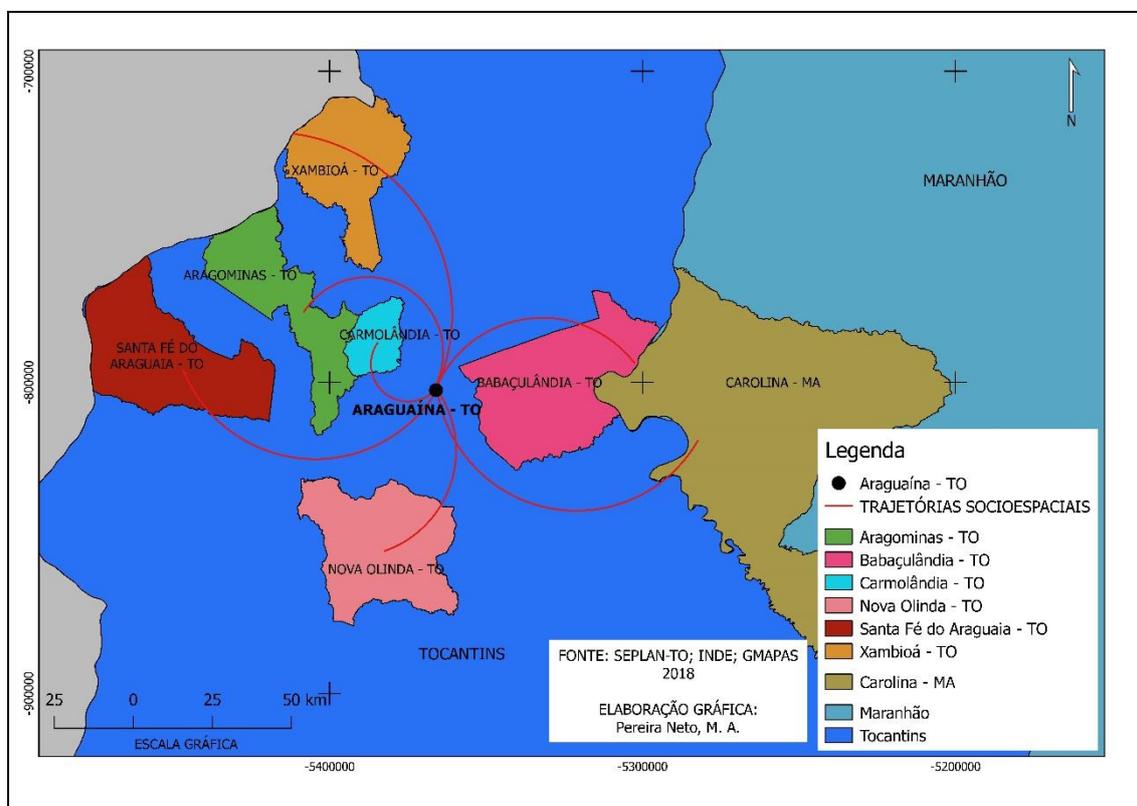
A principal dificuldade mesmo é a questão da viagem. A gente trabalha, tem filho, tem casa para cuidar. Eu saio de lá dezesseis horas e chego lá uma hora da manhã, entro no serviço oito horas, tem que acordar cedo para levar o menino para creche. Tem que levantar seis horas por que tem que deixar as coisas prontas para poder levar o menino para creche para poder ir para o serviço. A viagem cansa muito, sem falar no desconforto no ônibus. (Entrevistada B)

Notamos que o transporte, como dito, tende a ser mais uma característica dificultosa, como também elucida a entrevista seguinte.

A questão do ônibus porque é pago, nosso ônibus não é da prefeitura, é pago, não é o município que dá e a travessia do rio, porque tem dia que chega lá e não tem balsa para atravessar. (Entrevistada D)

As características naturais de cada região, sendo assim, interferem no percurso de cada acadêmica. As trajetórias socioespaciais de cada uma das estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, que se deslocam diariamente, demonstram que as mulheres têm se tornando cada vez mais fortes e aprenderam que é lutando que se supera obstáculos. O mapa 01 localiza cada município de onde cada mulher decide todos os dias se deslocar, deixando seus lares para buscarem na cidade vizinha, um futuro carregado de descobertas. Nele, afirmamos que a cidade de Araguaína recebe mulheres de suas cidades circunvizinhas como também de Estado.

Mapa 01- Trajetórias socioespaciais das acadêmicas



Fonte: SEPLAN-TO; INDE; GMAPAS. Organização: Pereira Neto, 2018.

De fato, cada ida e cada volta, tem sido carregada de novas percepções que são a todo instante compartilhada e (re)vivida por essas interlocutoras. Durante cada nova experiência, seus olhares se voltam para aquilo que já foram um dia e veem o quanto é satisfatória a estadia na universidade, conseguem através de suas palavras elucidarem cada nova conquista.

Depois que a gente entra aqui, a mente da gente abre. A gente assimila tanto conhecimento. Eu vi que o mundo da gente não é só ficar na frente da televisão, tem tantas outras coisas. Aprende tanta coisa, é tanto aprendizado, a gente amadurece, entra de um jeito e sai de outro. (Entrevistada F)

O mesmo identificamos na fala da entrevistada D

“Mudou a forma de pensar, principalmente. Eu vejo as coisas de outra forma, é outra visão. Temos que seguir mesmo, estudar”.

Para tanto, o conhecimento traz um impulso transformador.

A gente consegue perceber as coisas de outra forma, aqui começamos a entender, querer sempre buscar mais conhecimento, correr atrás dos nossos objetivos. Está aqui dentro influência muito a sempre correr atrás dos nossos objetivos. (Entrevistada E)

Diante das exposições, não se pode negar que o conhecimento que a universidade tem ofertado para as acadêmicas têm trazido a elas, uma nova leitura dos espaços que ocupam, possibilitando novas perspectivas construindo ao mesmo passo que desconstruindo suas visões de mundo.

Portanto, as trajetórias revelam, em seus discursos, as mais variadas formas de lutarem por seus objetivos, seguindo todas por caminhos que, como relatados, não são fáceis, no entanto, permanecem com o intuito de trazerem para si e suas famílias novas realidades.

Desde o primeiro período eu já senti aquele impacto, porque você vem de uma realidade totalmente diferente, você vem de uma cultura totalmente diferente, você vem de estudos e ensinamentos totalmente diferentes, quando chega aqui é aquele choque, porque você tem que aprender coisas que talvez você nunca tenha visto, você tem que focar naquilo, eu tenho que aprender isso aqui porque eu nunca nem vi. Porque no ensino médio, a gente tem mal duas aulas de geografia e lá não foca no foco que a gente tem aqui, porque a geografia no ensino médio, no ensino fundamental é uma coisa totalmente diferente do que a gente vê. Não sei se é o governo, a forma que eles abordam porque não fazem a gente pensar, e aqui a gente já pensa, aqui é um mundo totalmente diferente, aqui eu posso ter voz, aqui eu vejo o que é certo e o que é errado, a gente cria a nossa própria opinião, a gente se forma. Mudou muita coisa, muita coisa. Às vezes eu fico olhando para mim, gente eu estou muito crítica, eu estou muito crítica. Mas isso é bom porque a educação que eu estou tendo, a visão que eu estou tendo são que muitas não têm, porque muitas pessoas ainda estão alienadas infelizmente. Então eu adquirindo esse pouco de conhecimento que eu já tenho, eu já posso passar para as pessoas e falar não, não é assim, tem estudos e estudos que dizem que é dessa forma, você não precisa seguir o que a mídia te impõe, o que o

governo te impõe porque você tem pensamento próprio, porque educação é poder. Então se você tiver educação e você procurar os recursos para tê-la você é poderoso. Mudou muita coisa sim, muita mesmo. (Entrevistada A)

Novas mulheres são formadas todos os dias através do ensino superior, no instante que adentram para as portas do conhecimento, algo totalmente novo e inesperado, às vezes, acontecem com essas mulheres.

Mudou tanta coisa, questão do meu pensamento sobre questões políticas, questões sociais, econômicas, tudo que é ligado a geografia e outras ciências também, isso me levou a pesquisar mais, eu tenho mais desenvoltura para conversar com alguém, aquele medo que eu tinha de falar em público diminuiu, a gente fica mais solta, sabe conversar. Se eu tivesse tido essa ideia de estudar antes, assim que eu terminei eu já estaria hoje acho que na terceira faculdade, porque eu gostei bastante. É muito bom, muito gratificante. Só quem está aqui dentro que percebe a diferença. Quando você não tem um estudo científico teórico, você não tem conhecimento de nada, mas a partir de quando você entra na universidade, você percebe a diferença. (Entrevistada C)

Evidentemente, a Universidade Federal do Tocantins juntamente com o curso de Licenciatura em Geografia no campus de Araguaína, tem mudado a realidade de muitas mulheres, principalmente daquelas que se deslocam diariamente em busca de mais uma nova oportunidade de conhecimento.

CONCLUSÕES

Partindo das análises aferidas, diante das esferas públicas e privadas compreendemos que as trajetórias das acadêmicas vêm desempenhando um papel de extrema resistência diante de uma sociedade extremamente patriarcal. O conhecimento adquirido por cada mulher as levam para uma outra ocupação do espaço social.

Atualmente, confirmamos que as mulheres têm alcançado novos espaços, ocupado novos territórios, mudando as fronteiras do conhecimento, desejando cada vez mais terem suas próprias vidas e decisões. Em cada vivência transparece as lutas vividas por muitas mulheres, manifestando os lugares que ocupam diariamente, as inúmeras atividades que por elas são exercidas, ocupando em diversos instantes espaços públicos e privados, destacando que a presença em um destes não inibi que estejam presentes também no outro.

Sendo assim, confirmamos a premissa de que em nossa sociedade temos um discurso de igualdade velado. Diante das respostas, entendemos que as famílias apoiam para que essas mulheres ingressem e permaneçam no meio acadêmico, mas quando percebemos o quanto estas quebram barreiras para ali estarem em permanecerem,

vemos que suas realidades continuam com muitas barreiras e suas responsabilidades veem cada vez mais crescendo.

Portanto, de fato a universidade não se faz como o único meio de libertação através do seu conhecimento, antes se faz necessário que todas as esferas percorram por caminhos que tragam os mesmos objetivos, e que este viabilize o reconhecimento da mulher, entendendo e aceitando que estas trazem vivências e características singulares, que quando compartilhadas demonstram uma nova configuração na vida de cada uma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria [manuscrito]: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG, 2010.
- GASPAR, Jacira Garcia. **O papel do ensino superior em Araguaína, TO: o que dizem os estudantes e os professores**. Curitiba: CRV, 2013.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOREIRA, Marilda Maria da Silva. Assédio sexual feminino no mundo do trabalho: algumas considerações para reflexão. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 4, n. 2, 2002 *apud* SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 176, janeiro. 2013
- RATTS, Alex. Corporeidade e Diferença na Geografia Escolar e na Geografia da Escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional. **Revista Terra Livre**. São Paulo. Ano 31, Vol. 1, n.46, 2018. p. 114-141.
- SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 176, janeiro. 2013.
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 09-21. v. 01. 2015.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. Texto original: *Gender: a useful category of*

historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117-134, jul./dez. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.